UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS
DOUTORAMENTO EM ESTUDOS CLÁSSICOS
Especialidade: Poética e Hermenêutica

A FERIDA E A COMUNIDADE

Sofrimento, philia e linguagem no Filoctetes de Sófocles
entre filologia, medicina antiga e recepção

Projeto de Tese de Doutoramento

Orientador: Professor Doutor Brian Gordon Lutalo Kibuuka
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos (CECH)

Coimbra
2026

Resumo

Este projeto propõe uma leitura filológica e hermenêutica do *Filoctetes* (Φιλοκτήτης, 409 a.C.) de Sófocles. A pergunta condutora é: de que modo a peça configura, pela linguagem da *nósos*, pela cena do grito e pela ética da *philía*, uma comunidade que precisa reintegrar aquele que antes excluiu, mas que não consegue absorver plenamente a dor que o constitui? A hipótese central é a de que o *Filoctetes* configura a ferida como ponto de convergência entre corpo, linguagem e comunidade: a *nósos* do herói justifica sua exclusão, mas também denuncia a violência ética da comunidade que o abandonou; quando essa comunidade precisa reintegrá-lo, os discursos médico, político e religioso mostram-se insuficientes para absorver plenamente a experiência da dor. A peça termina com retorno, mas não com cura plena da ferida. A investigação obedece a uma hierarquia metodológica estrita: primeiro a análise filológica das constelações lexicais; em seguida o diálogo com as tradições antigas adjacentes — médica, filosófica, dramatúrgica; só então, em segunda ordem e de modo controlado, a mobilização heurística da hermenêutica filosófica e de certas categorias freudianas para descrever a temporalidade da perda. A esses momentos junta-se a análise comparada de cinco recepções literárias, críticas e performativo-terapêuticas do *Filoctetes* nos séculos XX e XXI (Gide, Wilson, Müller, Heaney, Doerries), lidas como interpretações que retroativamente iluminam o original. A investigação inscreve-se na linha de Poética e Hermenêutica do Doutoramento em Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra e no Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos (CECH).

Palavras-chave: Sófocles; *Filoctetes*; tragédia ática; tradição médica antiga; *philia*; teodiceia; psicanálise; estudos de recepção.

1. Apresentação e justificação

O *Filoctetes* — encenado em 409 a.C. e premiado nas Grandes Dionísias — é uma peça singular dentro do corpus trágico ático conservado. É uma das duas únicas tragédias sofoclianas em que o coro é formado por personagens externos à cidade (os marinheiros de Neoptólemo); é o único drama de Sófocles conservado em que não figura nenhuma personagem feminina; toda a ação se passa fora da pólis, numa ilha deserta; e a intervenção do *deus ex machina* no êxodo é tida, por uma linhagem crítica consistente (LINFORTH, 1956; EASTERLING, 1978; SEGAL, 1981; MITCHELL-BOYASK, 2007), como aporética antes que restauradora.

Mas o que sustenta o interesse desta peça não são apenas suas peculiaridades formais. É o seu objeto dramático. Filoctetes foi abandonado na ilha de Lemnos pelos próprios companheiros de armas em razão da ferida purulenta que recebeu da serpente sagrada no santuário de Crise. Dez anos depois, é convocado de volta — não como agente, mas como condição: o oráculo de Heleno revelou que somente o seu arco, herdado de Héracles, garantirá a queda de Troia. A peça constrói-se sobre uma operação que articula, de modo indissociável, um problema médico (uma *nosos* sagrada e incurável que motivou a exclusão), um problema político (como reintegrar à comunidade aquele cuja exclusão se mostrou inconveniente?) e um problema ético (que limites a *philia* impõe ao cálculo da utilidade comum?).

Quatro planos de pertinência justificam esta investigação para os Estudos Clássicos atuais.

Há primeiro o **plano filológico e dramatúrgico**. Sófocles compõe um léxico médico denso — *nosos*, *nosema*, *algos*, *odyne*, *pema*, *ponos* — que dialoga diretamente com o vocabulário médico contemporâneo do corpus hipocrático, e inscreve no texto interjeições não-métricas, alternâncias entre o iâmbico e o lírico (*kommoi*), silêncios cénicos e gritos que rompem a cadência poética. A pergunta filológica não é apenas *o que* a peça diz sobre o sofrimento, mas *como* inscreve a dor no verso. Como a métrica trágica acomoda o grito?

Há, em segundo lugar, a **conversa com a tradição antiga adjacente**. A peça dialoga com três corpos textuais simultaneamente: a tradição médica grega do período (corpus hipocrático, em especial *Sobre a doença sagrada*, *Prognóstico* e *Sobre os ares, águas, lugares*); a tradição filosófica clássica sobre o sofrimento injusto, de Platão a Aristóteles e ao estoicismo antigo; e a tradição dramatúrgica do herói abandonado, com versões do mito por

Ésquilo e Eurípides hoje perdidas, reconstituídas parcialmente a partir de Díon Crisóstomo (*Or*. 52 e 59).

Há também o **plano hermenêutico**. Numa configuração dramatúrgica reduzida — três personagens masculinos, uma ilha deserta, ausência de pólis —, a peça concentra problemas que percorrem a tragédia ática em sua relação com a cidade tardo-clássica: justiça e cálculo, *philia* e dever cívico, sofrimento e providência, *pathei mathos* e sua eventual ausência. Atenas, em 409 a.C., vive a fase tardia da Guerra do Peloponeso, em crise política aguda. A peça não é alegoria contemporânea, mas pensa, pelo mito troiano, questões abertas no seu próprio tempo.

Há, por fim, o **plano da recepção**. Desde a virada do século XX, a figura do herói ferido tornou-se objeto de reescritas de alto valor literário e crítico. Cada uma opera, sobre o texto sofocliano, um conjunto de reduções, ampliações e inversões: Gide produz uma alegoria moral tripartite; Wilson constrói o emblema da *ferida e arco* como matriz do génio criativo; Müller transforma a peça em alegoria política do poder; Heaney inscreve o final no horizonte da Irlanda do Norte; Doerries mobiliza Sófocles em contextos clínicos de cuidado a veteranos. Cada gesto hermenêutico ilumina retroativamente — na lógica que Charles Martindale (1993) chamou de *hermenêutica da recepção* — tensões já presentes no texto antigo.

Falta dizer por que *Filoctetes*, e não outra peça do sofrimento — *Prometeu Acorrentado*, *Héracles*, *Hécuba*, *Troianas*. Três razões. A configuração dramatúrgica é a mais economicamente focada no problema: três personagens, uma ilha deserta, ausência de pólis e de figuras femininas. A peça articula, numa única figura, sofrimento físico, questão teológica e dimensão política. E sua recepção moderna é particularmente rica em reescritas canónicas — condição que permite uma análise sólida da recepção, ancorada num corpus literário e crítico já estabelecido.

2. Problema de investigação e hipótese

A pergunta que conduz esta investigação é a seguinte:

De que modo o *Filoctetes* configura, pela linguagem da *nósos*, pela cena do grito e pela ética da *philía*, uma comunidade que precisa reintegrar aquele que antes excluiu, mas que não consegue absorver plenamente a dor que o constitui?

A **hipótese central** — formulada como conjectura orientadora, a ser progressivamente fundamentada pela análise filológica — é a seguinte: o *Filoctetes* de Sófocles configura a ferida como ponto de convergência entre corpo, linguagem e comunidade. A *nósos* do herói justifica sua exclusão, mas também denuncia a violência ética da comunidade que o abandonou. Quando essa comunidade precisa reintegrá-lo, os discursos médico, político e religioso mostram-se insuficientes para absorver plenamente a experiência da dor. A peça termina com retorno, mas não com cura plena da ferida.

Esta formulação evita dois extremos que a crítica do *Filoctetes* frequentemente sustenta. Não transforma a peça em aporia pura sem resolução alguma — há, no final, retorno, há obediência à voz de Héracles, há reinserção no destino troiano. Mas tampouco aceita o final como restauração simples da ordem — a dor, o abandono e a violência da exclusão não desaparecem com a aparição divina. A força hermenêutica da peça está exatamente aí: o retorno de Filoctetes não apaga a ferida que tornou esse retorno necessário.

Três hipóteses específicas orientam o desenvolvimento da investigação.

(i) **Quanto à inscrição lexical da dor e à cena do grito**. A constelação lexical do sofrimento na peça — articulando o vocabulário propriamente médico (*nósos*, *nósema*, *noseîn*), o vocabulário do sofrimento (*álgos*, *odýne*, *pêma*, *pónos*) e os marcadores para-verbais (interjeições, *kommoí*, silêncios) — não é mera marca de *êthos* trágico. Opera como argumentação cénica sobre os limites da linguagem articulada para integrar a dor. A passagem central é a crise dos vv. 730-826, onde a dor deixa de ser tema e passa a organizar a cena: o corpo interrompe o discurso, o grito tensiona o verso, a linguagem articulada mostra os seus limites, e a relação entre Filoctetes e Neoptólemo se transforma.

(ii) **Quanto à articulação ética e aos regimes de linguagem**. A peça contrapõe três regimes de linguagem distintos, não três posições morais individuais: a linguagem técnica e persuasiva de Odisseu — racionalidade de guerra, ética da missão, palavra como instrumento de obtenção de resultado; a linguagem hesitante e ética de Neoptólemo, regida

pela reputação e pela vergonha — o léxico de aiskhýnē e aiskhrós (vv. 108, 120, 906, 929) —, lido à luz da *aidős* (vergonha aristocrática, fidelidade ao *phílos*, impossibilidade de continuar agindo de modo indigno); e a linguagem ferida, interrompida, excessiva e para-verbal de Filoctetes. Esta tríade discursiva organiza o eixo ético-político da peça e estrutura a análise do Capítulo 4.

(iii) **Quanto ao êxodo e à intervenção divina**. A aparição *ex machina* de Héracles (vv. 1409-1471) funciona como teste da hipótese central: Héracles resolve a peça, ou apenas impõe uma solução narrativa sobre um problema que permanece aberto? A análise filológica do êxodo, confrontada com a dinâmica dramatúrgica precedente, permite identificar a reintegração imperfeita — retorno assumido, ferida não absorvida — como o lugar hermenêutico próprio do *Filoctetes*.

(iv) **Quanto à recepção literária moderna**. Cada uma das cinco recepções selecionadas (Gide, Wilson, Müller, Heaney, Doerries) opera, sobre o texto sofocliano, uma operação hermenêutica específica — privilegiando ora o plano ético, ora o político, ora o clínico. O cotejo entre essas operações ilumina, retroativamente, as tensões textuais que a análise filológica terá identificado.

3. Objetivos

3.1 Objetivo geral

Examinar, por análise filológica e hermenêutica do texto grego do *Filoctetes*, a articulação textual entre o sofrimento físico do herói, a tensão ética da *philia* e a problematização da ação divina, considerando o diálogo do texto com as tradições antigas adjacentes e com as principais recepções literárias da peça nos séculos XX e XXI.

3.2 Objetivos específicos

(i) Realizar análise filológica e dramatúrgica do *Filoctetes*, com atenção à constelação lexical do sofrimento e da doença, à estrutura métrica das passagens centrais (vv. 730-826; 927-962; 1081-1217) e aos operadores discursivos que articulam o vocabulário médico, ético e teológico da peça.

(ii) Examinar o diálogo do *Filoctetes* com a tradição médica antiga, em particular com tratados do corpus hipocrático datados do último terço do século V a.C. (*Sobre a doença sagrada*, *Prognóstico*, *Sobre os ares, águas, lugares*, *Epidemias* I e III).

(iii) Examinar a tematização do sofrimento injusto na peça em diálogo com a tradição filosófica clássica sobre o mal (Platão, *República* II-III; Aristóteles, *Poética* 13-14 e *Ética a Nicómaco* I; estoicismo antigo) e com a categoria moderna de teodiceia.

(iv) Analisar a articulação ética da peça — o dilema de Neoptólemo, a *philia*, o operador *aidôs*, a tensão *physis*/*téchnē* —, em diálogo com a ética grega arcaica e clássica e com a metodologia da análise discursiva interseccional desenvolvida pelo orientador para o estudo da tragédia.

(v) Mobilizar, em segunda ordem e após a análise filológica, a tradição psicanalítica freudiana — luto, melancolia, repetição compulsiva — como instrumento descritivo para o que, no sofrimento de Filoctetes, resiste à elaboração simbólica.

(vi) Analisar criticamente cinco recepções literárias e críticas do *Filoctetes* (Gide, Wilson, Müller, Heaney, Doerries), examinando como cada uma mobiliza, transforma ou neutraliza as tensões textuais identificadas pela análise filológica.

4. Objeto e delimitação do corpus

O *corpus* primário é o texto grego do *Filoctetes*, na edição de Lloyd-Jones e Wilson (*Sophoclis Fabulae*, OCT, 1990), com cotejo das edições de Dawe (Teubner, 1985) e Pearson (OCT, 1924) e dos comentários de Jebb (1898), Webster (1970), Ussher (1990) e Schein (2013). As passagens centrais para a análise filológica do Cap. 2 são os *kommoi* e monódias do sofrimento (vv. 730-826; 927-962; 1081-1217) e o êxodo (vv. 1409-1471).

O corpus contextual antigo divide-se em quatro blocos.

(**a**) Trágico: tragédias conservadas de Sófocles e fragmentos pertinentes, com ênfase no ciclo troiano; passagens de Ésquilo (*Prometeu Acorrentado*, *Agamémnon*) e Eurípides (*Héracles*, *Hécuba*, *Troianas*); os testemunhos de Díon Crisóstomo, *Or.* 52 e 59, sobre as peças homónimas perdidas.

(**b**) Médico: tratados do corpus hipocrático pertinentes ao problema da *nosos* e do prognóstico — *Sobre a doença sagrada*, *Prognóstico*, *Sobre os ares, águas, lugares*, *Epidemias* I e III. Este bloco não é auxiliar; é interlocutor central. A ferida de Filoctetes é objeto de descrição clínica explícita na peça (cheiro fétido, secreção, ciclos de crise e remissão, sono induzido pela dor), e o vocabulário da *nosos* trágica não se separa do vocabulário médico do seu tempo.

(**c**) Filosófico: discussões clássicas sobre o sofrimento injusto e a justiça divina — Platão, *República* II-III; Aristóteles, *Poética* 13-14 e *Ética a Nicómaco* I; Crisipo *apud* Aulo Gélio; Epiteto.

(**d**) Histórico: fontes sobre Atenas em 409 a.C. — Tucídides (VII-VIII), comédias contemporâneas de Aristófanes, testemunhos sobre Sófocles tardio.

O *corpus de recepção* é formado por cinco obras, selecionadas pela operação hermenêutica específica que cada uma realiza sobre o texto sofocliano:

(a) André Gide, *Philoctète, ou le traité des trois morales* (1898) — reescrita que organiza a peça em torno de três posições morais (Odisseu, Neoptólemo, Filoctetes), explicitando, em linguagem moderna, a estrutura ética tripartite que a análise filológica do Cap. 5 identificará no original.

(b) Edmund Wilson, *The Wound and the Bow* (1941) — ensaio que estabelece, na crítica literária do século XX, o par *ferida-arco* como matriz do génio criativo. Privilegia o herói em detrimento da estrutura dramatúrgica.

(c) Heiner Müller, *Philoktet* (1965) — reescrita radicalmente política no contexto do teatro pós-brechtiano da DDR, que reduz a peça à dialética do poder e à instrumentalização do corpo sofredor, eliminando a resolução divina.

(d) Seamus Heaney, *The Cure at Troy* (1990) — versão poética produzida no contexto do conflito da Irlanda do Norte, que inscreve a reconciliação final no horizonte de uma esperança política comunitária.

(e) Bryan Doerries, *The Theater of War* (2015) — projeto contemporâneo de leitura encenada da peça em contextos clínicos com veteranos de guerra e profissionais de saúde, que reativa *Filoctetes* como dispositivo terapêutico-comunitário.

Outras recepções importantes — *Omeros* de Derek Walcott (1990), em que o pescador Philoctete reapropria a matriz sofocliana em chave pós-colonial caribenha; *In the Western Night* de Frank Bidart (1990); o *Filoctetes* de Yannis Ritsos (1965), monólogo dramático de *A Quarta Dimensão*, cuja eventual consideração ficará condicionada ao material de arquivo identificado no APGRD (cf. Seção 9.2); e a recepção lusófona de matéria clássica em Mário Cláudio (que, embora não tenha tratado especificamente de *Filoctetes*, oferece o horizonte mais significativo da reescrita clássica em português contemporâneo) — serão objeto de menção pontual no Capítulo 6, sem constituir núcleo analítico próprio. O critério dessa exclusão é prático: cada uma das cinco obras nucleares dispõe de bibliografia crítica secundária consolidada, condição que permite a análise comparada. Walcott, Bidart e Ritsos, embora hermenêuticamente importantes, ficam como horizonte de investigações futuras.

Uma palavra final sobre o estatuto da ferida no corpus desta investigação. **A tese não pretende responder à pergunta clínica "que doença Filoctetes tinha?"**. Esta pergunta, frequente na bibliografia mais antiga sobre a peça, é pobre para o tipo de trabalho aqui proposto: reduz a ferida a etiologia retrospectiva, perde o seu funcionamento textual e dramatúrgico, e força sobre Sófocles uma grade nosológica anacrónica. A pergunta que orienta a investigação é outra: **que tipo de inteligibilidade a ferida produz?** A ferida de Filoctetes exclui, cheira, supura, retorna em crises, interrompe a fala, produz vergonha, desperta piedade, inviabiliza a convivência — mas também torna Filoctetes indispensável. Ela é, simultaneamente, sintoma corporal, marca religiosa, problema político e escândalo ético. É essa multifuncionalidade da ferida — esse modo como ela articula corpo, sagrado, comunidade e linguagem — que constitui o objeto desta investigação.

5. Estado da questão

A bibliografia crítica sobre o *Filoctetes* é vasta. Percorre, em traços largos, cinco eixos.

O eixo **filológico** foi inaugurado pelo comentário de Jebb (1898) e prosseguiu com Webster (1970), Ussher (1990) e o comentário abrangente de Schein (2013). Estes trabalhos estabelecem o terreno textual, lexical e métrico sobre o qual qualquer leitura crítica precisa assentar-se. A eles somam-se os estudos sobre o vocabulário trágico do sofrimento (CAIRNS, 2003) e sobre dramaturgia ática (TAPLIN, 1978; WILES, 1997).

Merece especial relevo, na economia desta investigação, **a tradição filológica de Coimbra sobre a tragédia sofocliana**, inaugurada pela obra de Maria Helena da Rocha Pereira e continuada pela Professora Maria do Céu Fialho — cuja produção constitui interlocução privilegiada deste trabalho. A dissertação doutoral de Fialho, *Luz e escuridão no teatro de Sófocles* (1988), oferece uma análise da estrutura imagética e da poética do contraste no corpus sofocliano. Embora centrada em outras peças, fornece eixo metodológico transferível para o *Filoctetes*: a oposição entre luz e escuridão na peça — a noite no acampamento, o sono induzido pela dor extrema, a cegueira metafórica do herói pela *nosos* — opera com força dramatúrgica comparável à identificada por Fialho em *Édipo Rei* e *Édipo em Colono*. Acrescentam-se as traduções comentadas de Fialho de *Traquínias*, *Rei Édipo*, *Electra* e *Édipo em Colono* no volume *Sófocles: Tragédias* (Coimbra, 2003), em coautoria com Rocha Pereira e Ribeiro Ferreira, e o *Rei Édipo* introduzido e anotado por Fialho (Edições 70, 2012). A esta linhagem associam-se os trabalhos de Maria de Fátima Silva sobre dramaturgia grega, e as investigações de Delfim Leão e Carmen Soares no âmbito do CECH. Inscrever-se nesta tradição filológica de Coimbra é orientação metodológica explícita desta investigação, e adquire particular significado no horizonte da iminente homenagem internacional à Professora Fialho (vol. coletivo *Com as mãos se faz a paz, se faz a guerra*, 2025).

Para o leitor lusófono, são ainda referência incontornável as traduções comentadas de Jaa Torrano e Trajano Vieira (Brasil).

O eixo **dramatúrgico e ético** reúne interpretações ainda hoje fundamentais. Knox (1964) inscreveu Filoctetes na sua tipologia do herói trágico sofocliano, sublinhando-lhe a intransigência. Wilson (1941) ofereceu o par *ferida e arco* como matriz do génio criativo — leitura que será objeto de análise crítica no Cap. 6. Nussbaum (2001 [1986]) e Blundell

(1989) examinaram a peça pela ética grega da *philia* e do dilema entre amizade e dever. Pucci (2003) ofereceu leituras desconstrutivas atentas à instabilidade da linguagem na peça. Roisman (2005) abordou-a pelo prisma da retórica e do engano. Goldhill (2012) inscreveu-a em discussão sobre tragédia e cidade.

O eixo **médico**, historicamente menos explorado, é justamente o eixo que esta investigação pretende contribuir a aprofundar. A ferida de Filoctetes, sua sintomatologia (cheiro fétido, secreção purulenta, crises agudas alternadas com remissão, sono induzido pela dor extrema) e o vocabulário médico trágico foram tratados em estudos parciais (CRAIK, 2001; HOLMES, 2010; WORMAN, 2002), mas não numa análise sistemática integrada à interpretação da peça. Jouanna (1999) fornece o quadro contextual para a tradição médica grega do período. Mitchell-Boyask (2007), na obra sobre a peste em Atenas e a tragédia, abriu caminho que esta pesquisa propõe estender ao *Filoctetes*.

O eixo **teológico** examina o problema da aparição de Héracles no êxodo. Para parte significativa da crítica desde Bowra (1944), a intervenção divina restaura a ordem. Para uma linhagem alternativa — Linforth (1956), Easterling (1978), Segal (1981), Mitchell-Boyask (2007) — a resolução divina permanece problemática e ambivalente, abrindo a peça a uma leitura crítica daquilo que a tradição moderna chamaria de teodiceia. A discussão dialoga com Sourvinou-Inwood (2003) sobre tragédia e religião ateniense, e com Burkert (1985) sobre religião grega.

O eixo **da recepção**, mais recente, foi cartografado parcialmente por Hall (2008), Hardwick (2003) e Macintosh (2009). O volume editado por Macintosh no âmbito do Archive of Performances of Greek and Roman Drama (APGRD, Oxford) é dedicado especificamente à recepção moderna do *Filoctetes*, e o próprio APGRD documenta a história de performance da peça — de montagens do início do século XX à estreia de *The Cure at Troy* pelo Field Day (1990) e às leituras encenadas de *The Theater of War* —, constituindo o lócus institucional deste eixo. Existem estudos individuais sobre cada uma das principais reescritas: Hardwick e Macintosh sobre Heaney; Weber e Kalb sobre Müller; muitos comentários sobre o ensaio de Wilson na crítica literária do século XX. Falta um trabalho que confronte sistematicamente as cinco recepções entre si e com o texto sofocliano, lendo-as como operações hermenêuticas comparáveis. Falta, além disso, integrar a dimensão performativa dessa recepção: as reescritas de Heaney e de Doerries existem primariamente como acontecimentos cénicos, e a sua análise exclusivamente textual perde parte do fenómeno.

A lacuna que esta investigação propõe ocupar é, portanto, a ausência de um trabalho que articule: análise filológica rigorosa da constelação lexical do sofrimento; diálogo substantivo com a tradição médica antiga; leitura ética que recuse o vocabulário anacrónico da *conversão*; mobilização heurística da psicanálise freudiana com explicitação metodológica; análise comparada das principais recepções literárias. A contribuição original mais significativa situa-se nos três eixos centrais — médico, ético-discursivo, e de recepção comparada.

6. Enquadramento teórico

Toda a investigação obedece a uma hierarquia metodológica explícita: *texto antigo → tradição antiga adjacente → ferramenta heurística moderna*, nunca em sentido inverso. O texto grego é a instância normativa primária. As tradições antigas (médica, filosófica, dramatúrgica) constituem o horizonte interpretativo nativo. As categorias modernas — teodiceia, hermenêutica, melancolia, recepção — operam como instrumentos descritivos, cuja aplicação se explicita caso a caso e cuja legitimidade se mede pelo que iluminam, não por suposta equivalência conceptual com o pensamento grego.

Este princípio não exclui a fertilidade da leitura moderna; é o que a torna academicamente defensável. A diferença entre aplicar uma categoria moderna como *se* fosse nativa ao texto antigo — gesto anacrónico — e mobilizá-la como instrumento depois da análise filológica — gesto hermenêutico legítimo — é a diferença entre projetar e iluminar. O modelo desta operação é o que Charles Martindale (1993) propôs para os estudos de recepção: cada leitura moderna é uma *interpretação* do texto antigo, e ler bem o texto antigo exige levar a sério, criticamente, as leituras que dele se fizeram.

6.1 Filologia clássica e análise discursiva

A base metodológica é filológica. A análise lexical, semântica, métrica e dramatúrgica do texto grego sustenta tudo o que se segue. Comentários canónicos (JEBB, 1898; WEBSTER, 1970; SCHEIN, 2013), estudos sobre o vocabulário trágico da dor (CAIRNS, 2003) e investigações sobre dramaturgia ática (TAPLIN, 1978; WILES, 1997) compõem o aparato. Integra-se à filologia uma vertente de *análise discursiva* do texto antigo, campo em que se situam os trabalhos do Prof. Doutor Brian Kibuuka sobre representações da guerra e da violência em Eurípides, análise discursiva da tragédia em perspectiva interseccional e estudos sobre subalternidade no discurso trágico. Esta vertente é particularmente pertinente ao Cap. 5, dedicado à análise das três posições éticas em cena como configurações discursivas distintas.

6.2 Tradição médica grega antiga

A tradição médica grega contemporânea de Sófocles é interlocutor central, não auxiliar. A ferida de Filoctetes é descrita com vocabulário clínico preciso (*nósos*, *nósema*, referências a secreções, cheiros, ciclos sintomáticos), e o exame das ressonâncias entre o discurso médico e o discurso trágico permite iluminar a configuração específica que a peça

produz para a *nósos* do herói. O quadro bibliográfico vem de Jouanna (1999) sobre Hipócrates, e dos trabalhos de Holmes (2010), Craik (2015), Lloyd (2003) e van der Eijk (2005) sobre o vocabulário médico grego.

A formulação metodológica desta relação é, contudo, decisiva — e exige máxima prudência. **Esta investigação não afirma, em nenhum momento, dependência direta entre Sófocles e qualquer tratado hipocrático específico.** A cronologia dos tratados é debatida; a do *Filoctetes* (409 a.C.) é uma; a evidência de leitura direta seria, em qualquer caso, indemonstrável. A pergunta correta é outra. Tragédia e medicina do fim do século V a.C. participam de *um mesmo ambiente de reflexão sobre corpo, doença, causa, crise, observação e cura* — partilham um *vocabulário médico em circulação*, categorias semânticas comuns, um regime discursivo comum à elite intelectual ateniense do período. O exame das ressonâncias e tensões entre os usos trágico e clínico desse vocabulário partilhado constitui chave hermenêutica produtiva — chave aberta por estudos como o de Mitchell-Boyask (2007) sobre a peste em Atenas e a tragédia, e que esta investigação propõe estender ao caso específico do *Filoctetes*.

Os tratados centrais para esta análise — selecionados pela proximidade cronológica e pertinência temática — são *Sobre a doença sagrada* (datado dos últimos decénios do séc. V a.C.), *Sobre os ares, águas, lugares* (440-410 a.C.), *Prognóstico* e *Epidemias* I e III (em torno de 410-400 a.C.). Tratados de datação mais incerta ou notoriamente posterior serão mobilizados apenas a título comparativo.

6.3 Tradição filosófica clássica sobre o sofrimento injusto

Importa dizer com todas as letras, antes mesmo de qualquer mobilização da categoria: **não há teodiceia em Sófocles no sentido leibniziano**. A palavra *teodiceia* foi cunhada por Leibniz em 1710, no contexto de uma metafísica racionalista do bem e do mal que é inteiramente estranha ao pensamento grego do século V a.C. A pergunta desta investigação não é, portanto, se Sófocles formula uma teodiceia, mas se a peça encena problemas que a tradição posterior chamaria de teodiceicos. A categoria é empregue como *retrospectiva, heurística e controlada*: como designação retrospectiva de discursos que, antes de Leibniz, articularam o problema da coexistência do mal com uma ordem cósmica significativa, e como ferramenta heurística para descrever a forma específica como o *Filoctetes* encena, em sua linguagem própria, esse problema.

Mobilizam-se três tradições filosóficas antigas que dialogam, cada uma a seu modo, com o problema. Platão, *República* II-III, onde a discussão sobre a representação dos deuses na poesia condena as narrativas em que os deuses produzem o mal — discussão diretamente pertinente à intervenção de Héracles no êxodo. Aristóteles, *Poética* 13-14 (piedade, medo, *hamartía*) e *Ética a Nicómaco* I (sobre se o infortúnio pode arruinar a felicidade do *spoudaîos*). E o estoicismo antigo, em particular Crisipo (apud Aulo Gélio) e Epiteto, sobre a Providência, o destino e o lugar do mal na ordem cósmica.

A discussão do *páthei máthos* esquiliano (*Agamémnon*, vv. 176-183) e a sua eventual ausência em Sófocles oferecem o eixo articulador específico do Cap. 3. A pergunta é direta: produz *Filoctetes*, ao longo de sua dinâmica dramatúrgica, conhecimento pelo sofrimento? Em caso afirmativo, conhecimento de quê, para quem?

6.4 Hermenêutica filosófica

A leitura interpretativa apoia-se na tradição hermenêutica de Gadamer (1997 [1960]) e Ricoeur (1969, 1986), em particular nas categorias de *fusão de horizontes*, *hermenêutica do símbolo* e *hermenêutica do sofrimento*. O ensaio de Ricoeur *Le Mal: un défi à la philosophie et à la théologie* (1986) é central: articula, em registro filosófico moderno, a oposição entre o mal *explicado* pela tradição filosófica (Platão, Leibniz, Hegel) e o mal *denunciado* pelo grito trágico, religioso ou poético.

6.5 Categorias freudianas como instrumentos heurísticos

Esta investigação não propõe uma "leitura psicanalítica do *Filoctetes*" como eixo autónomo. A psicanálise é tradição moderna, com pressupostos antropológicos próprios e historicamente situados, e a sua aplicação à tragédia ática exige máxima discrição metodológica. O que se propõe é *mais modesto e mais preciso*: mobilizar certas categorias freudianas — luto, melancolia, repetição — como *instrumentos heurísticos para descrever a temporalidade da perda* que a peça encena no isolamento de dez anos do herói. Filoctetes *não é diagnosticado* como melancólico. O que se afirma, mais cautelosamente, é que a peça encena uma forma de perda não elaborada: repetição do abandono no discurso do herói, fixação no dano, retorno cíclico da dor, impossibilidade de reinserção plena na comunidade.

Mobilizam-se os textos freudianos clássicos sobre o tema — *Luto e melancolia* (1917), *Além do princípio do prazer* (1920) e *O estranho* (1919). A opção por Freud, em detrimento de desenvolvimentos lacanianos posteriores, justifica-se pela estabilidade

conceitual maior das categorias freudianas centrais e sua aplicabilidade mais consensual ao estudo do texto literário, atestada por Loraux (1999) e Segal (1993).

Importa ser preciso sobre o ganho descritivo específico que estas categorias oferecem em relação ao vocabulário antigo. A tradição médica grega tem termos para estados de sofrimento prolongado (*athymía*, *dysthymía*); a tradição filosófica tem categorias para a perda e o infortúnio (*lýpe*, *atychía*). O que a categoria freudiana de melancolia acrescenta é, especificamente, uma descrição da *estrutura temporal* da perda não-elaborada — a dinâmica de remissão e crise, a repetição compulsiva, a fixação no objeto perdido. É essa estrutura temporal, e não um diagnóstico psicológico do herói, que será mobilizada para descrever o que os dez anos de isolamento, os ciclos sintomáticos da ferida e a recusa do regresso configuram na peça. O uso é heurístico e descritivo, pontual e controlado — nunca substitutivo da análise filológica.

6.6 Estudos de Recepção Clássica

Para a análise das recepções dos séculos XX e XXI, o enquadramento vem dos *Classical Reception Studies* — Martindale (1993, 2006), Hardwick (2003), Hardwick & Stray (2008). O princípio metodológico fundamental, herdado de Martindale, é que cada recepção constitui simultaneamente uma interpretação do texto antigo. Estudar a recepção é, portanto, ler o original através das leituras que dele se fizeram. Esta perspectiva organiza estruturalmente o Cap. 6: não se catalogam reescritas, examinam-se operações hermenêuticas — e o que cada uma ilumina retroativamente no *Filoctetes* sofocliano.

A esta moldura acrescenta-se a distinção, formulada por Hall (2004) e desenvolvida em Hall e Harrop (2010), entre recepção textual e recepção em performance. Para as obras do corpus cuja existência é primariamente cénica — Heaney e, sobretudo, Doerries —, a operação hermenêutica não se esgota no texto publicado: realiza-se também na encenação, que atualiza, amplifica ou neutraliza tensões do original. Esta camada performativa será tratada com base documental (cf. Seções 7.4 e 9.2), sem alterar a primazia metodológica do texto estabelecida no início desta Seção.

7. Metodologia

A investigação articula quatro momentos, todos sob a tutela da hermenêutica filosófica e sob a hierarquia *texto antigo → tradição antiga → ferramenta heurística moderna*.

7.1 Análise filológica do texto grego

Por análise filológica entende-se, neste estudo, um conjunto preciso de procedimentos, e não a invocação genérica do nome.

(**i**) Construção de uma base lexical sistemática da peça — espinha dorsal da tese. Para cada ocorrência relevante do vocabulário central, será registado em tabela analítica: o verso, a forma grega, o lema, a morfologia, o locutor, o destinatário, a situação dramática, o campo semântico, o comentário moderno que observa o termo, eventual paralelo no corpus hipocrático e a função do termo na cena. Este trabalho aparentemente lento é o que sustenta tudo o que se segue: sem essa base, qualquer interpretação posterior é especulação. As constelações lexicais que organizam o levantamento são: (a) doença e medicina — *nósos*, *nósema*, *noseîn*, *iatrós*, *therapeía*; (b) sofrimento — *álgos*, *odýne*, *pêma*, *pónos*, *oîktos*; (c) vínculo ético — *philía*, *phílos*, *aiskhýnē*, *aiskhrós*, *pístis*; (d) exclusão e espaço — *eremía*, *áxenos*, *ápolis*, *áphilos*; (e) fala e silêncio — *lógos*, *kraugé*, *áphonos*, *siopé*. Cada constelação é cruzada com o léxico contemporâneo — vocabulário médico em circulação para o bloco médico, ética grega arcaica para o vínculo ético.

(**ii**) Análise da estrutura métrica das passagens centrais, com hierarquização explícita: a *crise dos vv. 730-826* — primeiro grande paroxismo da ferida, momento em que o corpo interrompe o discurso, o grito tensiona o verso, a linguagem articulada mostra os seus limites e a relação entre Filoctetes e Neoptólemo se transforma — constitui o **centro filológico e dramático da tese**. As demais passagens (vv. 927-962, com a recusa indignada do herói diante do engano; vv. 1081-1217, com o segundo paroxismo e a reaproximação) funcionam como apoio e desdobramento desse centro. O *êxodo (vv. 1409-1471)*, por seu lado, opera como **teste da hipótese central**: Héracles resolve a peça, ou apenas impõe uma solução narrativa sobre um problema que permanece aberto? Em todas as passagens, atenção à alternância entre iâmbico e lírico, à inserção de interjeições não-métricas, à função dramatúrgica dos silêncios cénicos.

(**iii**) Identificação dos operadores discursivos que articulam, no texto, os vocabulários médico, ético e teológico: comparativos, marcadores causais, oposições estruturantes, deslocamentos semânticos entre passagens.

(**iv**) Cotejo sistemático com os comentários (Jebb, Webster, Ussher, Schein), explicitando concordâncias, divergências e lacunas interpretativas.

Sustentando metodologicamente estes quatro procedimentos, a **leitura conjunta e progressiva do texto grego com o orientador** é prática nuclear desta investigação, e não atividade auxiliar. Em sessões semanais regulares, o doutorando e o Prof. Doutor Brian Kibuuka procederão à leitura integral e à tradução do *Filoctetes* em grego, da abertura ao êxodo. Esta prática combina rigor filológico e construção dialógica das interpretações, garantindo que a análise filológica não seja exercício solitário sobre o texto mas resultado de uma interlocução continuada. Assegura ainda que os *insights* emergem do contato sustentado com o texto grego, e não de aplicações teóricas externas — princípio em estrita consonância com a hierarquia metodológica enunciada na Seção 6. Os registos das sessões constituirão acervo metodológico próprio, do qual derivarão diretamente os quadros analíticos do Cap. 2.

7.2 Diálogo com as tradições antigas adjacentes

A análise filológica é, em seguida, confrontada com as tradições antigas pertinentes: médica para os Caps. 2 e 3; filosófica para o Cap. 3; ética grega arcaica e clássica para o Cap. 5; dramatúrgica em toda a tese. O procedimento é demonstrativo, não associativo: o cotejo só é estabelecido onde a constelação lexical, os operadores discursivos ou as situações dramatúrgicas o autorizam.

7.3 Interpretação hermenêutica e ferramentas modernas

Só depois da análise filológica e do diálogo com a tradição antiga é que se mobilizam as categorias modernas — teodiceia em sentido heurístico, melancolia em sentido freudiano, hermenêutica filosófica. Cada capítulo interpretativo (3, 4, 5) organiza-se segundo a mesma sequência: exposição filológica da passagem, cotejo com a tradição antiga pertinente, leitura interpretativa à luz da ferramenta moderna, discussão crítica da literatura secundária.

7.4 Análise comparada da recepção

Para as cinco obras do corpus de recepção: leitura integral, com identificação das passagens em que cada autor se confronta diretamente com o texto sofocliano;

caracterização da operação hermenêutica específica de cada um — o que conserva, omite, transforma, amplifica ou inverte do original; cotejo entre as cinco operações, identificando padrões, tensões e descontinuidades; discussão sobre o que cada operação revela retroativamente sobre o texto sofocliano. O objetivo é demonstrar que a vitalidade interpretativa do *Filoctetes* não é acidental, mas decorre da configuração textual específica que a análise filológica terá identificado.

Para as duas obras de existência primariamente performativa — *The Cure at Troy* e *The Theater of War* —, a análise incorpora uma camada adicional de recepção-em-performance, apoiada em fontes de arquivo: fotografias de produção, *promptbooks* e guiões anotados, resenhas de época, correspondência e registos audiovisuais conservados no APGRD (Oxford), consultáveis apenas presencialmente. O procedimento é idêntico ao aplicado aos textos: identificar o que cada encenação conserva, omite, transforma, amplifica ou inverte — agora no plano cénico — das tensões textuais estabelecidas nos Capítulos 2 a 5. A recolha deste material realiza-se no período de mobilidade descrito na Seção 9.2.

8. Estrutura provisória da tese

Introdução — Apresentação do problema, do percurso e do horizonte teórico. Explicitação da hierarquia metodológica que organiza toda a investigação. Discussão sobre o estatuto das categorias modernas mobilizadas e sobre o lugar particular do diálogo com a tradição médica antiga.

Capítulo 1 — Contexto mítico, dramático e histórico do *Filoctetes*. Atenas em 409 a.C., fase tardia da Guerra do Peloponeso e crise política; Sófocles tardio; o mito de Filoctetes nas versões anteriores de Ésquilo e Eurípides (a partir de Díon Crisóstomo) e suas reelaborações sofoclianas. Eixo central: a *configuração dramatúrgica singular da peça* — ausência do coro cívico (substituído pelos marinheiros de Neoptólemo, externos à pólis); ausência de figuras femininas; ação inteiramente situada num espaço cénico de *eremía* (ilha deserta, *áxenos*); ausência das instituições da cidade. A peça é, neste sentido preciso, uma *obra fora do lugar*: fora da pólis como espaço, fora dos seus dispositivos discursivos como horizonte ético. Esta exclusão estrutural é configuração que organiza tudo o que se segue.

Capítulo 2 — A filologia da ferida: constelação lexical do sofrimento. Análise filológica detalhada das constelações lexicais (cf. Seção 7.1), com leitura cerrada da crise dos vv. 730-826 — centro filológico e dramático da tese — e das demais passagens centrais. Análise da estrutura métrica e dos elementos para-verbais (interjeições, *kommoí*, silêncios). Identificação dos operadores discursivos que articulam, na peça, os vocabulários médico, ético e teológico.

Capítulo 3 — A ferida entre medicina e sagrado. A ferida de Filoctetes como *nósos* de origem sagrada: análise das referências ao santuário de Crise, à serpente sagrada e à ação divina ao longo da peça. Diálogo com o vocabulário médico em circulação no fim do século V a.C. (com prudência metodológica explícita: não dependência direta, mas regime discursivo comum). Diálogo com a tradição filosófica clássica sobre o sofrimento injusto (Platão, Aristóteles, estoicos) e com a categoria moderna de teodiceia, mobilizada como retrospectiva, heurística e controlada. A aproximação interpretativa com o tratado hipocrático *Sobre a doença sagrada* será tratada como hipótese a examinar.

Capítulo 4 — *Philía, aidṓs* e comunidade: os regimes de linguagem da peça. Análise discursiva dos três regimes de linguagem em cena, e não três posições morais individuais: a linguagem técnica e persuasiva de Odisseu — racionalidade de guerra, ética da missão, palavra como instrumento de obtenção de resultado, sem redução moral

simplificadora; a linguagem hesitante e ética de Neoptólemo, regida pela reputação e pela vergonha, lida à luz da *aidṓs* no sentido de Cairns (1993), mas ancorada no léxico que o texto efetivamente usa — aiskhýnē e aiskhrós (vv. 108, 120, 906, 929) —, uma vez que a raiz de aidṓs ocorre uma única vez na peça (anaidés, v. 83); a linguagem ferida, interrompida, excessiva e para-verbal de Filoctetes. O capítulo desenvolve, em sua segunda parte, a *temporalidade da perda* no isolamento de dez anos do herói — repetição do abandono no seu discurso, fixação no dano, retorno cíclico da dor. As categorias freudianas de luto, melancolia e repetição entram aqui pontualmente, como instrumentos heurísticos para descrever essa temporalidade, e não como leitura psicanalítica autônoma. Em sua terceira parte, leitura discursiva da exclusão estrutural identificada no Cap. 1: como os discursos de Odisseu e Neoptólemo se articulam sob pressupostos institucionais (pólis, exército, oráculo) que ao herói foram negados há dez anos — em diálogo com a metodologia da análise discursiva interseccional do orientador.

Capítulo 5 — Héracles, retorno e aporia: o teste da hipótese. Análise filológica e dramatúrgica do êxodo (vv. 1409-1471). A intervenção *ex machina* de Héracles examinada à luz da dinâmica que a precede: ela resolve a peça ou apenas impõe uma solução narrativa sobre um problema que permanece aberto? Debate crítico (Bowra *vs.* Linforth-Easterling-Segal-Mitchell-Boyask). A *reintegração imperfeita* como lugar hermenêutico próprio do *Filoctetes*: retorno assumido, ferida não absorvida, comunidade que reincorpora sem cicatrizar. Este capítulo é o teste central da hipótese da tese.

Capítulo 6 — Cinco recepções, cinco operações: leituras modernas do *Filoctetes*. Análise comparada de cinco recepções *literárias, críticas e performativo-terapêuticas* — caracterização que respeita a heterogeneidade de gênero do corpus. Cada subseção examina uma operação hermenêutica específica: a alegoria moral tripartite de Gide; o emblema crítico-literário do par ferida-arco em Wilson; a alegoria política do poder em Müller; a reconciliação comunitária em Heaney; a reativação clínico-comunitária de Doerries. As subseções dedicadas a Heaney e a Doerries incluem, adicionalmente, a camada de recepção-em-performance descrita na Seção 7.4, apoiada no material de arquivo do APGRD. Pergunta organizadora dupla: que tensões originais do texto cada operação privilegia ou silencia? E o que cada uma ilumina retroativamente sobre o *Filoctetes* sofocliano?

Conclusão — Síntese dos resultados e balanço da hipótese central. Discussão sobre a reintegração imperfeita como configuração própria do *Filoctetes*: nem peça resolutiva (a intervenção divina não absorve a ferida), nem peça aporética em sentido estrito (o regresso a

Troia é assumido). Apontamento prospectivo para investigações futuras — em particular o problema, ainda inexplorado em chave filológica rigorosa, das apropriações contemporâneas da figura do herói ferido em discursos identitários — hoje amplificadas pela circulação algorítmica e pela mediação de sistemas de inteligência artificial —, campo aberto por Zuckerberg (2018) para outros segmentos do corpus clássico, horizonte natural de pós-doutoramento.

9. Cronograma e plano de mobilidade

9.1 Cronograma

Concluído o primeiro ano curricular do Doutoramento (cursos), a investigação distribui-se pelos dois anos restantes, dedicados à redação da tese e à preparação para a defesa.

Ano	Semestre	Atividades principais
2	1.º	Leitura integral do Filoctetes em grego com o orientador; construção da base lexical sistemática (tabela analítica das ocorrências centrais); revisão bibliográfica avançada; aprofundamento na tradição médica antiga; redação do Capítulo 1 e início do Capítulo 2. Missão de investigação no APGRD (Oxford): levantamento do acervo físico sobre a recepção do *Filoctetes* (cf. Seção 9.2).
2	2.º	Conclusão do Capítulo 2 (filologia da ferida, com leitura cerrada dos vv. 730-826) e redação do Capítulo 3 (ferida entre medicina e sagrado). Submissão do primeiro artigo (sobre o léxico médico no Filoctetes). Apresentação em encontro do CECH.
3	1.º	Redação do Capítulo 4 (philía, aidṓs, comunidade) e do Capítulo 5 (Héracles, retorno e aporia — teste da hipótese). Submissão do segundo artigo. Participação em congresso internacional.
3	2.º	Redação do Capítulo 6 (recepções modernas). Redação da Introdução e da Conclusão. Revisão geral integral; entrega da tese; preparação e realização da defesa.

O cronograma é ambicioso mas exequível. Três condições sustentam a sua viabilidade: o corpus de recepção é integralmente composto por textos já publicados, dispensando trabalho empírico ou de constituição de acervo; o aparato teórico é deliberadamente enxuto e mobiliza tradições que o candidato já frequenta; cada capítulo tem autonomia relativa, permitindo a submissão progressiva de artigos derivados durante a redação.

9.2 Período de investigação na Universidade de Oxford (APGRD)

A permanência de investigação na Universidade de Oxford obedece a um critério estrito: acesso a materiais e competências indisponíveis em Portugal e diretamente necessários a capítulos específicos da tese — não a considerações genéricas de prestígio institucional. O núcleo dessa justificação é o acervo físico do Archive of Performances of Greek and Roman Drama (APGRD, Ioannou Centre for Classical and Byzantine Studies): mais de dez mil itens consultáveis apenas presencialmente, incluindo fotografias de

produção, *promptbooks*, guiões anotados, resenhas de época, correspondência e registos audiovisuais relativos às encenações do *Filoctetes* sofocliano e das suas reescritas. O APGRD documenta a história de performance da peça desde o início do século XX — incluindo a montagem do National Theatre de Londres (1964), na versão de Keith Johnstone — e acompanha *The Cure at Troy* desde a estreia pelo Field Day (1990); conserva ainda material não catalogado sobre outras recepções, como o *Filoctetes* de Yannis Ritsos. Este material sustenta diretamente a camada de recepção-em-performance do Capítulo 6 (cf. Seções 6.6 e 7.4) — uma capacidade analítica que a investigação não teria a partir de Coimbra.

Somam-se duas razões complementares: o contacto presencial com a Professora Fiona Macintosh, editora do volume de referência sobre a recepção moderna do *Filoctetes* (APGRD, 2009), e com a rede de praticantes teatrais associada ao Archive — pertinente sobretudo para o estudo de *The Theater of War*, recepção performativa ainda em curso; e a profundidade do aparato bibliográfico das bibliotecas de Oxford para o trabalho filológico dos Capítulos 2 e 3, benefício complementar, mas não determinante, da estadia.

O calendário da mobilidade resulta de uma decisão deliberada: a recolha do material de arquivo é antecipada para o Ano 2, período em que coincide com a presença do orientador na Universidade de Oxford — preservando, assim, a prática nuclear de leitura conjunta do texto grego (Seção 7.1) —, ao passo que a redação do Capítulo 6 se mantém no Ano 3, conforme o cronograma. Separa-se, deste modo, o momento de constituição do dossiê documental do momento da sua elaboração analítica. A formalização da estadia seguirá os instrumentos de mobilidade aplicáveis, em articulação com o orientador e com os serviços competentes da Universidade de Coimbra.

10. Resultados esperados e contribuição original

A investigação pretende contribuir originalmente para os Estudos Clássicos em quatro frentes.

Análise filológica do *Filoctetes* centrada na constelação lexical do sofrimento e da doença, integrando sistematicamente o diálogo com a tradição médica antiga — eixo pouco desenvolvido na bibliografia crítica da peça, apesar de sua centralidade no próprio texto sofocliano.

Articulação dessa análise com uma leitura hermenêutica do problema do sofrimento injusto, da ética da *philia* e da intervenção divina, mobilizando, em chave heurística e metodologicamente explicitada, ferramentas da hermenêutica filosófica e da psicanálise freudiana. A articulação destas três dimensões num único trabalho monográfico não foi até hoje realizada.

Análise comparada das cinco principais recepções literárias do *Filoctetes* dos séculos XX e XXI, tratadas não como apêndice à análise filológica, mas como operações hermenêuticas que retroativamente iluminam o texto sofocliano. Existem estudos individuais sobre cada uma das obras do corpus, mas não um trabalho que as confronte sistematicamente entre si e com o original. A esta análise soma-se, para Heaney e Doerries, o lastro documental de recepção-em-performance constituído a partir do acervo do APGRD (cf. Seções 7.4 e 9.2).

Demonstração da viabilidade de uma *hermenêutica clássica integrada* que respeite estritamente a hierarquia metodológica entre o texto antigo, as tradições antigas adjacentes e as ferramentas teóricas modernas — sem renunciar nem ao rigor filológico nem à pertinência interpretativa contemporânea.

Estão previstas duas publicações intermédias em revistas indexadas (idealmente *Humanitas* e *Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos*), bem como participações nos encontros do CECH e no congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos. Após a defesa, a tese visará a publicação como livro, idealmente em coleção do CECH.

11. Bibliografia

A bibliografia que se segue é seletiva, organizada por blocos temáticos. A bibliografia completa será desenvolvida ao longo da investigação.

11.1 Edições críticas e comentários do Filoctetes

DAWE, R. D. (ed.). Sophoclis Tragoediae. Vol. II. Leipzig: Teubner, 1985.

JEBB, R. C. Sophocles: The Plays and Fragments. Part IV: The Philoctetes. Cambridge: Cambridge University Press, 1898.

LLOYD-JONES, H.; WILSON, N. G. (eds.). Sophoclis Fabulae. Oxford: Clarendon Press, 1990.

PEARSON, A. C. (ed.). Sophoclis Fabulae. Oxford: Clarendon Press, 1924.

SCHEIN, S. L. Sophocles: Philoctetes. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

USSHER, R. G. Sophocles: Philoctetes. Warminster: Aris & Phillips, 1990.

WEBSTER, T. B. L. Sophocles: Philoctetes. Cambridge: Cambridge University Press, 1970.

11.2 Estudos sobre o Filoctetes e a tragédia sofocliana

BLUNDELL, M. W. Helping Friends and Harming Enemies: A Study in Sophocles and Greek Ethics. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

BOWRA, C. M. Sophoclean Tragedy. Oxford: Clarendon Press, 1944.

BUDELMANN, F. The Language of Sophocles: Communality, Communication and Involvement. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

EASTERLING, P. E. "Philoctetes and Modern Criticism". Illinois Classical Studies 3 (1978): 27-39.

FIALHO, M. C. Luz e escuridão no teatro de Sófocles. Dissertação de doutoramento, Universidade de Coimbra, 1988.

FIALHO, M. C. (introd., trad. e notas). Sófocles: Rei Édipo. Lisboa: Edições 70, col. "Clássicos gregos & latinos", 2012.

FIALHO, M. C.; ROCHA PEREIRA, M. H. da; FERREIRA, J. R. Sófocles: Tragédias [introduções e traduções de Rei Édipo, Traquínias, Electra, Édipo em Colono]. Coimbra: Edições Minerva / Coimbra Capital da Cultura, 2003.

GOLDHILL, S. Sophocles and the Language of Tragedy. Oxford: Oxford University Press, 2012.

KAMERBEEK, J. C. The Plays of Sophocles: Commentaries. Part VI: The Philoctetes. Leiden: Brill, 1980.

KNOX, B. The Heroic Temper: Studies in Sophoclean Tragedy. Berkeley: University of California Press, 1964.

LINFORTH, I. M. "Philoctetes: The Play and the Man". University of California Publications in Classical Philology 15 (1956): 95-156.

MITCHELL-BOYASK, R. Plague and the Athenian Imagination. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

NUSSBAUM, M. The Fragility of Goodness: Luck and Ethics in Greek Tragedy and Philosophy. Cambridge: Cambridge University Press, 2001 [1.ª ed. 1986].

PUCCI, P. (org.). Sofocle: Filottete. Milano: Fondazione Lorenzo Valla / Mondadori, 2003.

ROISMAN, H. M. Sophocles: Philoctetes. London: Duckworth, 2005.

SEGAL, C. Tragedy and Civilization: An Interpretation of Sophocles. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1981.

SILVA, M. de F. Crítica do teatro clássico. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010.

SOARES, C.; IERANÒ, G.; LESSA, F. (coords.). Com as mãos se faz a paz, se faz a guerra — homenagem a Maria do Céu Fialho. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2025.

TAPLIN, O. Greek Tragedy in Action. London: Methuen, 1978.

TORRANO, J. (trad.). Sófocles: Tragédias. São Paulo: Iluminuras, vários volumes.

WILES, D. Tragedy in Athens: Performance Space and Theatrical Meaning. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

11.3 Tradição médica antiga e vocabulário trágico do sofrimento

CAIRNS, D. (ed.). Body Language in the Greek and Roman Worlds. Swansea: Classical Press of Wales, 2005.

CAIRUS, H. F.; RIBEIRO JÚNIOR, W. A. Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

CRAIK, E. M. The Hippocratic Corpus: Content and Context. London: Routledge, 2015.

HIPÓCRATES. Sobre a doença sagrada. Trad. e notas de Henrique F. Cairus. In: CAIRUS; RIBEIRO JÚNIOR, op. cit., 2005.

HOLMES, B. The Symptom and the Subject: The Emergence of the Physical Body in Ancient Greece. Princeton: Princeton University Press, 2010.

JOUANNA, J. Hippocrates. Trad. M. B. DeBevoise. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1999.

LLOYD, G. E. R. In the Grip of Disease: Studies in the Greek Imagination. Oxford: Oxford University Press, 2003.

VAN DER EIJK, P. Medicine and Philosophy in Classical Antiquity: Doctors and Philosophers on Nature, Soul, Health and Disease. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

WORMAN, N. The Cast of Character: Style in Greek Literature. Austin: University of Texas Press, 2002.

11.4 Ética grega arcaica e clássica (aidôs, philía, comunidade)

CAIRNS, D. L. Aidōs: The Psychology and Ethics of Honour and Shame in Ancient Greek Literature. Oxford: Clarendon Press, 1993.

HERMAN, G. Ritualised Friendship and the Greek City. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

KONSTAN, D. Friendship in the Classical World. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

11.5 Tradição filosófica clássica sobre o sofrimento e o mal

ARISTÓTELES. Ética a Nicómaco. Trad. e notas de António de Castro Caeiro. Lisboa: Quetzal, 2004.

ARISTÓTELES. Poética. Trad. e notas de Ana Maria Valente. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

BURKERT, W. Greek Religion. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1985.

PLATÃO. A República. Trad. M. H. da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.

SOURVINOU-INWOOD, C. Tragedy and Athenian Religion. Lanham: Lexington Books, 2003.

11.6 Hermenêutica filosófica e tradição psicanalítica

FREUD, S. "Luto e melancolia" [1917]. In: Obras completas. Vol. 12. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. "O estranho" [1919]. In: Obras completas. Vol. 14. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. "Além do princípio do prazer" [1920]. In: Obras completas. Vol. 14. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GADAMER, H.-G. Verdade e método. Trad. Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 1997 [1.ª ed. alemã 1960].

LORAUX, N. La voix endeuillée: essai sur la tragédie grecque. Paris: Gallimard, 1999.

RICOEUR, P. Le conflit des interprétations: essais d'herméneutique. Paris: Seuil, 1969.

RICOEUR, P. Le Mal: un défi à la philosophie et à la théologie. Genève: Labor et Fides, 1986.

SEGAL, C. Oedipus Tyrannus: Tragic Heroism and the Limits of Knowledge. New York: Twayne, 1993.

11.7 Estudos de Recepção Clássica

HALL, E. "Towards a Theory of Performance Reception". Arion 12.1 (2004): 51-89.

HALL, E. The Return of Ulysses: A Cultural History of Homer's Odyssey. London: I. B. Tauris, 2008.

HALL, E.; HARROP, S. (eds.). Theorising Performance: Greek Drama, Cultural History and Critical Practice. London: Duckworth, 2010.

HARDWICK, L. Reception Studies. Oxford: Oxford University Press, 2003.

HARDWICK, L.; STRAY, C. (eds.). A Companion to Classical Receptions. Oxford: Blackwell, 2008.

MACINTOSH, F. (ed.). Sophocles' Philoctetes and the Great Ones of Modern Times. Oxford: Archive of Performances of Greek and Roman Drama, 2009.

MARTINDALE, C. Redeeming the Text: Latin Poetry and the Hermeneutics of Reception. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

MARTINDALE, C.; THOMAS, R. F. (eds.). Classics and the Uses of Reception. Oxford: Blackwell, 2006.

ZUCKERBERG, D. Not All Dead White Men: Classics and Misogyny in the Digital Age. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2018.

11.8 Corpus de recepção literária e crítica

DOERRIES, B. The Theater of War: What Ancient Tragedies Can Teach Us Today. New York: Alfred A. Knopf, 2015.

GIDE, A. Philoctète, ou le traité des trois morales [1898]. In: Œuvres complètes. Paris: Gallimard, 1932.

HEANEY, S. The Cure at Troy: A Version of Sophocles' Philoctetes. London: Faber & Faber, 1990.

MÜLLER, H. Philoktet [1965]. Frankfurt: Suhrkamp, 1981.

WILSON, E. The Wound and the Bow: Seven Studies in Literature. Boston: Houghton Mifflin, 1941.

11.9 Recepção complementar (corpus secundário)

BIDART, F. In the Western Night: Collected Poems 1965-1990. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1990.

RITSOS, Y. "Philoctetes" [1965]. In: The Fourth Dimension. Trad. Peter Green; Beverly Bardsley. Princeton: Princeton University Press, 1993.

WALCOTT, D. Omeros. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1990.